

4ª Entrevista: 02.07.1979

C.G. - Talarico, nessa nossa última entrevista, que foi feita ainda em novembro do ano passado, você estava falando do Jango e da incapacidade que ele teve em se manter no poder. Eu queria que você falasse exatamente sobre esses últimos momentos do governo do Jango. Queria que você, que esteve tão próximo, dele, falasse, por exemplo, do comício de 13 de março, do qual você foi um dos organizadores. Como é que você viu esses últimos momentos vividos pelo governo Jango?

J.T. - Bem, tenho que me reportar ao período anterior a 1963. No dia 24 de agosto, o PTB e o governo do Jango houveram por bem fazer uma comemoração pública na Cinelândia, um comício, no qual compareceram o presidente da República, seus ministros e representantes da Câmara e do Senado. Nós também fomos encarregados dessa organização. Houve, na época, um debate muito forte, porque já enfrentávamos nessa ocasião o governo Lacerda. A discussão girava em torno do número de pessoas que tínhamos conseguido levar à praça pública, chegando até a haver a intervenção do coronel Gustavo Borges, que era o secretário de Segurança, contestando a existência de cem ou 150 mil pessoas no comício. Na realidade, aquele ato era mais um ato de natureza política e de homenagem ao presidente Getúlio Vargas, e foi de um grande êxito. Mas tivemos problemas, porque representantes da União Nacional dos Estudantes haviam feito críticas acerbas ao embaixador Lincoln Gordon, dos Estados Unidos, e isto tinha produzido um mal-estar por parte de alguns membros do governo como o San Tiago Dantas, que era amigo de Lincoln Gordon.

Mas temos que voltar um pouco mais atrás. No 1º de maio de 63 fizemos uma comemoração na praça da Bandeira com a presença de trabalhadores e a presença do presidente da República. Ali se defrontaram as forças de esquerda, que naquela época apoiavam o governo. De um lado o PTB, junto com o Partido Socialista, e do outro lado o Partido Comunista, com o CGT, CPOS, PUA e a organização. E houve até um problema de disputa da pessoa física do presidente da República. Lembro-me que o grupo sindical do PC havia armado um palanque no meio da praça, e a segurança da Presidência da República, que não era o presidente João Goulart, achava que o local não era apropriado, que o palanque não oferecia nenhuma segurança. Era um palanque frágil e não daria para comportar 20 ou 30 pessoas, e a presença do Jango representaria a tomada desse local por 100 ou 200 pessoas. Nesse momento definiram-se as forças de

esquerda dentro do governo do Jango. De um lado a área sindical do PC e do outro lado o PTB, que prestigiava o Jango. No meio estava o grupo do Brizola, que não estava nem de um lado e nem do outro. Nessa época, já começavam a se definir posições políticas bastantes complexas, difíceis de serem entendidas pelas pessoas que não estavam no meio...

C.G. - Você poderia dizer quais seriam basicamente essas posições políticas? Quais seriam as posições mais fundamentais, mais básicas, que estariam surgindo nesse momento?

J.T. - Bom, vou analisar o PC. Dentro do PC também havia divisão. A direção - o Prestes, o Giocondo Dias, o Otávio Bonfim - numa posição bastante refletida, e o grupo sindical, que havia avançado em termos de direito de greve e de reivindicações salariais, de participação de trabalhadores nas empresas estatais, inclusive na previdência. Havia um choque entre esses dois grupos. Assisti, inclusive na Presidência da República, a choques e confrontos da direção do PC com o seu esquema sindical. O esquema sindical achava que não devia mais se subordinar à orientação partidária, e a direção do partido achava que eles não podiam estar avançando, como ocorria, sem o respaldo do partido. Por outro lado, dentro do PTB havia a posição do Brizola, que exigia a reforma do ministério, a presença de pessoas não comprometidas com os interesses estrangeiros, exigia a reforma agrária, exigia a regulamentação da remessa de lucros das empresas estrangeiras noutros termos do que aqueles que estavam sendo concebidos. Enfim, uma série de posições. Mas, na verdade, o Jango, dentro desse confronto no PTB, mantinha o controle do partido. O Brizola estava aliado, nessa época, a um grupo de governadores. O Brizola estava aliado, nessa época, a um grupo de governadores. Por exemplo, ao Mauro Borges e à Frente Parlamentar Nacionalista.

Neste conjunto, portanto, as forças de esquerda, que apoiavam o governo, estavam totalmente divididas, e basta o exemplo do episódio do estado de sítio, solicitado ou reclamado pelos ministros militares. O grupo do Brizola, não propriamente o Brizola, mas o Almino Afonso, Max da Costa Santos, Neiva Moreira, Frente Parlamentar Nacionalista, UNE, Frente de Mobilização Popular, todas essas organizações se manifestaram contra a decretação do estado de sítio.

Mas estou-me antecipando muito. Eu estava falando que as coisas começaram a se definir em maio, com esse comício do dia primeiro. No Nordeste, também foram

programadas algumas concentrações operárias, e a Frente de Mobilização Popular, que era apoiada pelo Arrais, pelo Brizola, por Neiva Moreira, por Max da Costa Santos e pela Frente Parlamentar Nacionalista, realizou com grande êxito um comício no Recife, ao qual compareceram de cem a 120 mil pessoas. Então, aquilo constituía, para nós, dentro do PTB, um desafio para realizar, no Rio de Janeiro ou em São Paulo, demonstrações da mesma expressão de apoio ao governo do Jango, que estava realmente concebendo as reformas de base. Mas aquela demonstração de Recife representava um trunfo usado pela esquerda que apoiava o Jango como uma demonstração de que ele tinha que aceitar o que vinha da esquerda. Então, o comício de 63 já foi uma réplica àquilo que tinha sido realizado no Recife, e com bastante êxito. Daí a preocupação que houve em demonstrar se tínhamos ou não possibilidades de colocar cem, 120 ou 150 mil pessoas na Cinelândia, porque aí o peso que se estabelecia era o da acolhida e do apoio da massa. Era por aí que se auferia o prestígio, a força que o governo podia ter no meio popular.

C.G. - Você acha, por exemplo, que o Jango temia esse prestígio que o Arrais estava tendo no Nordeste? Como você veria aquela questão da pseudo prisão do Arrais?

J.T. - O problema do Arrais é que ele era um homem de uma liderança de esquerda, sempre em composição com o Partido Comunista, com o Partido Socialista, com as esquerdas extremadas e tal. Mas ele, na realidade, nunca fora homem de partido, nunca fora homem do Partido Socialista ou do Partido Trabalhista ou do PSD ou de qualquer outro partido. Ele sempre foi um homem de composição, um homem de frente, e não tinha a preocupação que o PTB tinha. Ele não tinha compromisso com os partidos. Ele era uma liderança solta e livre, que podia desequilibrar a posição que o próprio PTB pudesse ter na sucessão presidencial e na composição de forças políticas dentro do Congresso. Então, essa é uma das razões que nos preocupava, e tínhamos que fazer um confronto. Muita gente pode considerar isso uma coisa esdrúxula, uma coisa até fora de propósito, mas a verdade é essa. Media-se força e o prestígio político na praça pública, na rua, com a mobilização de massa. Quem mobilizasse a massa é que tinha prestígio. Bom, então passamos o 1º de maio. Eu sofri uma coisa até muito interessante no comício do 1º de maio de 63, exatamente naquela disputa da pessoa física do presidente na praça pública. De um lado, o pessoal de esquerda querendo levá-lo para um palanque; e do outro lado o PTB querendo levá-lo para dentro do SAPS, para ele falar

do palanque do SAPS. Havia dois homens carregados de, quando o Jango chegasse na praça, agarrá-lo e colocá-lo aos ombros, sem que o presidente soubesse, evidentemente. Um era o estivador chamado Meninão (hoje ele é até funcionário do Ministério de Indústria e Comércio), e o outro era o Marujo, que foi goleiro do São Cristóvão. Era um homem de 1,85m, 1,90m, bastante forte, com possibilidades portanto de arcar com os oitenta e poucos do Jango. Mas o goleiro, apesar de ser um homem de reflexo, falhou no momento em que se colocou o Jango no ar para ser carregado. Eu estava próximo e, para que o presidente não tomasse um tombo, entrei em seu socorro. Aí houve um desequilíbrio, pois o outro tinha 1,85m e tenho 1,70m, e fiquei com o peso todo do Jango. Eu já tinha sofrido um linchamento, quando da posse do Jango, e fiquei com duas hérnias de disco. Houve uma espécie de acavalamento de vértebras que me produziu um problema físico terrível. Então, em 63, no mês de agosto, acabei indo para os Estados Unidos fazer o tratamento, porque eu estava diminuindo de tamanho. Já havia uma redução de um centímetro e pouco, em virtude desse problema de vértebras, e aproveitei que tinha sido designado conselheiro da delegação do Brasil na ONU. Nos Estados Unidos, em ligação com os vários setores, comecei a levantar a conspiração que se fazia para a derrubada do Jango. Isto, portanto, a partir de agosto, setembro de 63. Inclusive o dr. Júlio Mesquita Filho fizera uma viagem por lá aliciando o apoio das forças econômicas norte-americanas para a derrubada do Jango. Nessa ocasião, fui procurado por um cubano, um construtor. Não o conhecia, mas fui indicado a ele como sendo um homem que tinha relacionamento com o governo brasileiro. Ele estava interessado em vender o seu projeto de casas populares. Esse homem me proporcionou informações bastante interessantes, entre as quais a de que havia um conjunto de padres, vigários de paróquias no Rio de Janeiro e em São Paulo, que enviavam relatórios à Cúria Metropolitana de Nova York denunciando a infiltração comunista no governo de Jango. Eram recortes, informações até de certa maneira não verdadeiras, em que se usava, por exemplo, a presença de um comunista para se dizer: “Tal ato e tal teve a participação do Partido Comunista através do fulano de tal, isso e aquilo”. Então, essa exploração foi levantada por mim, não só a do Júlio Mesquita como também a desta manobras que alguns padres faziam no Rio de Janeiro. Outra coisa que assinaléi foi a presença do senador Pessoa de Queirós, que fora dono e diretor do *Jornal do comércio* e de uma estação de televisão. Antes de ser senador, ele tinha estado nos Estados Unidos como diretor do *Jornal do comércio*, do Recife, e nesta ocasião fora muito homenageado. As portas de todos os setores norte-americanos,

inclusive do Departamento de Estado, se abriram para recebê-lo, como prova de respeito. Quando voltou aos Estados Unidos nessa ocasião, também como participante da delegação brasileira na ONU, ele registrou dificuldades no acesso às pessoas que anteriormente havia visitado. As portas dos Estados Unidos já não se abriam para ele. E ele, que era um homem bastante cioso da sua condição social, procurou indagar o motivo, e foi informado que não estava sendo recebido nos setores e áreas que anteriormente o haviam homenageado e tratado com o maior respeito exatamente porque agora ele era um representante do PTB. Todas essas informações eu transmiti ao dr. João Goulart, através de cartas ou através de amigos que vinham dos Estados Unidos para cá. Inclusive percebi nesta ocasião que, como a Frente Parlamentar Nacionalista e o grupo de Frente de Mobilização Popular...

[FINAL DA FITA 8-B]

J.T. - Insisti junto ao presidente João Goulart para que ele examinasse bem o problema da saída de Carvalho Pinto do Ministério da Fazenda, um problema com que ele ia se defrontar nos círculos monetários internacionais. Como o Carvalho Pinto era um homem que gozava de muito prestígio no Fundo Monetário Internacional e nos círculos bancários dos Estados Unidos, já na época em que ele era ministro, especulava-se que as forças de esquerda, as forças antiamericanas exigiam a sua demissão. Nesta ocasião, inclusive, fiz sentir ao Jango que a saída ou a demissão de Carvalho Pinto poderia ser a gota de água para transbordar o copo. Há registro dos meus vários apelos através do telex e do telégrafo, não só do escritório do Tesouro como do escritório comercial do Brasil, porque eu me valia dos dois veículos para mandar algumas das comunicações que considerava importantes para o Jango.

Por outro lado, assinalei também uma questão muito importante a respeito da situação americana em relação ao Brasil, quando do assassinato de Kennedy. Algumas pessoas ligadas ao governo norte-americano que estavam na ONU, portanto em contato comigo, alertaram-me para a mudança de orientação que o governo ia assumir com a entrada de Lyndon Johnson. Não haveria mais tolerância de espécie alguma dos Estados Unidos em relação ao governo de Jango. Estas afirmações também constam de vários dos relatórios que mandei para o Jango, mostrando que ele deveria se dar conta de que a situação americana mudara 180 graus em relação ao seu governo. Era preciso ter cuidado ou tomar medidas de cautela.

Neste clima, portanto, vivi de agosto a dezembro nos Estados Unidos, apesar de ter de comparecer diariamente ao hospital de Nova York para o tratamento da coluna. Eu poderia até ter sido operado, mas não o fui pelo êxito do tratamento clínico. Mas vivi o tempo todo levantando informações da conspiração internacional que se fazia para a derrubada do Jango. E uma afirmação séria, que eu faço com toda a responsabilidade, é a seguinte: uma das pessoas que iniciou o processo de conspiração contra o Jango foi o nosso companheiro San Tiago Dantas. Quando deixou o Ministério da Fazenda, achando que o Jango não tinha mantido o compromisso de mantê-lo no ministério, San Tiago foi para os Estados Unidos e ali deu início à retaliação, por exemplo, junto à ITT, junto às grandes empresas, alertando-as exatamente contra o Jango. Há, inclusive, uma circular da ITT, distribuída em junho ou julho de 63 aos seus milhões de acionistas nos Estados Unidos, no sentido de que estes pressionassem os representantes parlamentares no Congresso para que negassem toda e qualquer ajuda, ou todo e qualquer relacionamento que pudesse beneficiar o Brasil. Isso também foi comunicado ao Jango, e tive ocasião de mandar-lhe a cópia de uma dessas circulares.

Mas estávamos aqui no Brasil frente a um outro problema: o problema do Carlos Lacerda. Eu era vice-presidente da Assembléia Legislativa do estado, depois de ter sido deputado federal. Como tinha trazido o Brizola para ser candidato a deputado federal, fui então, nessa legislatura, deputado estadual, e era o primeiro vice-presidente da Assembléia. E a bancada aqui tinha-se defrontado com o problema de prestação de contas do governo Lacerda. Quando foi aprovada a Constituição, onde ele tinha maioria, ele estabeleceu que, se as contas do governo do estado não fossem votadas até 31 de dezembro, elas estariam automaticamente aprovadas. Mas nos anos de 62 e 63, sua bancada era minoritária em um ou dois deputados, o que lhe dificultava a aprovação das contas. Então, ele passou a usar com os seus elementos dentro da Câmara - Raul Brunini, Edson Guimarães e outros - de artimanhas para postergar e protelar a aprovação de contas.

Mais ou menos no dia 10 ou 15 de dezembro, recebi um telegrama pedindo o meu retorno imediato, apesar do compromisso que eu tinha de ficar até janeiro nos Estados Unidos. Alegava-se que a bancada, um tanto inexperiente, apesar de ter valores espetaculares como Paulo Alberto Monteiro de Barros e Saldanha Coelho não tinham acompanhado com a devida atenção essa tramitação de contas. Já havíamos chegado à última quinzena de dezembro sem que as contas tivessem ido para o plenário. Assim, estas seriam fatalmente remetidas na segunda quinzena de dezembro. Vim exatamente

para enfrentar este problema. Quando cheguei, constatei que, na realidade, não tínhamos condições de votar, porque o Lacerda já tinha conseguido obter o apoio de dois ou três elementos do PTB, não para votar a seu favor, mas para apresentar emendas. A apresentação de emendas em plenário resultaria no retorno do projeto de aprovação de contas para as comissões onde, conseqüentemente, ele seria aprovado. Entre estes elementos do PTB figurava o Amando da Fonseca.

A coisa a se fazer nessa ocasião era criar um clamor público, evidenciar à opinião pública a manobra que Lacerda estava fazendo. Isso foi feito na última sessão, quando até bombas foram estouradas no plenário da Câmara e houve um terrível conflito, mas ficou evidenciado que o Lacerda, candidato à presidência da República, estava usando de uma artimanha para aprovação de suas contas, ou melhor, para que as contas não fossem examinadas e, conseqüentemente, aprovadas.

Então, cheguei no mês de dezembro já nesse clima, um clima de muita agitação. E eu já vinha muito tenso dos Estados Unidos, pois verificara a conspiração para a derrubada do Jango. Nesta época, o San Tiago já estava se recompondo com o Jango, e discutia-se a possibilidade de ele voltar novamente ao governo. San Tiago queria voltar ao Ministério da Fazenda. Nessa *démarches*, o Jango fez com que as lideranças de esquerda da área sindical tivessem alguns encontros com o San Tiago.

C.G. - Com que objetivo?

J.T. - O San Tiago tinha ficado muito mal com as forças populares, face a essas atitudes que relatei: sua ida para os Estados Unidos, a pressão, suas ligações com as multinacionais, a defesa da ITT, enfim, tudo isso. Então, se o Jango estava desejando recompor o San Tiago com o seu governo, ele tinha que, sem dúvida nenhuma, melhorar a imagem do San Tiago em Petrópolis e ele depois veio a uma reunião no Sindicato dos Metalúrgicos. Nesta ocasião, concebeu-se que, na realidade, o governo teria que fazer contatos com a massa popular. Lembro-me que, no mês de janeiro, quando foi feita a decretação do salário mínimo, as lideranças sindicais propuseram a Jango que ele realizasse um comício para prestar contas do seu governo e pedir o apoio da opinião pública para as reformas de base que o país necessitava.

Então, a coisa nasceu em janeiro e foi-se desdobrando. Houve o problema do pedido de estado de sítio, inteiramente negativo para o governo, inteiramente negativo para os ministros militares, devido à divisão havida dentro das próprias esquerdas. Em seguida,

surgiu o problema dos sargentos e veio também aquele problema dos marinheiros, episódios que precisariam ser bem analisados porque, na realidade, já eram manobras que se faziam sentir dentro do próprio governo contra o Jango.

O episódio dos sargentos, por exemplo, era muito incentivado pelo general Assis Brasil, e, na realidade, isso trazia problemas para o Jango junto à oficialidade. No momento em que o Jango prestigiava os sargentos, isto provocava, de certa maneira, reações e protestos por parte da oficialidade, que não via isso com bons olhos. Tudo isso causava apreensão nas Forças Armadas. Era o problema da hierarquia que se debatia, essa coisa toda.

Depois veio o problema dos marinheiros. Esta posse dos marinheiros, marcada para fevereiro, começou a ser postergada, e houve já, em função da hierarquia, protestos por parte da oficialidade da Marinha contra a realização deste ato. A oficialidade da Marinha achava que, de acordo com o regulamento militar, não era permitido aos marinheiros e cabos terem associações de classe. Mas o Jango tinha sido prevenido de que, dentro desta associação de marinheiros e fuzileiros navais, havia elementos infiltrados - agentes da própria oficialidade -, que radicalizavam as atitudes para provocar problemas. Lembro-me, inclusive, que esse grupo era, até então, muito ligado a UNE. Não tinha ligação nenhuma com a CGT; não tinha ligação nenhuma com o sindicato de trabalhadores. A patronesse dos marinheiros era a deputada Adalgisa Nery, mas não havia muito respaldo, apoio parlamentar, a não ser ligações eventuais com Max da Costa Santos, com alguns deputados de esquerda e com alguns elementos da Frente Parlamentar Nacionalista.

Esse episódio dos marinheiros - que está aí nos anais e não preciso repeti-lo aqui - foi também um problema sério. Antes de deixar o Rio de Janeiro, naquela Semana Santa, o Jango havia recomendado ao Assis Brasil, por exemplo, a quem o Jango pedira para permanecer atento a todo esse problema... Vamos dizer, o Jango viajou na segunda-feira. Na terça, ele pegou um avião e também foi para Porto Alegre. A crise acabou irrompendo na Semana Santa, e ele não estava aqui. Foi preciso que eu e outros amigos telefonássemos para o Jango, para que o Jango interrompesse o descanso e viesse para o Rio de Janeiro a fim de resolver o problema. Jango foi avisado que o Assis Brasil não estava no Rio de Janeiro, e o avião que o apanhou em São Borja acabou parando também em Porto Alegre para apanhar o Assis Brasil.

Devo dizer aqui que muita coisa que foi feita nesse período foi por inércia, por incompetência e talvez até por se achar que aqueles que queriam derrubar o governo do

Jango não teriam força para fazê-lo. Esta é que é a realidade. Mas nós, que estávamos aí no confronto diário e que já tínhamos colhido provas da movimentação nos Estados Unidos, estávamos muito apreensivos.

De maneira que o comício de 13 de março teve esse objetivo de uma prestação de contas ao povo e da busca de respaldo da opinião pública para as reformas que se pretendia realizar. Tanto assim que o discurso do presidente da República na época foi exatamente isso: uma prestação de contas e o anúncio das reformas que se pretendia fazer. Os grupos de esquerda, a Frente de Mobilização, o Brizola, o Arrais, o Mauro Borges, essa gente toda foi contra a realização do comício, e só veio a participar quando teve certeza do seu êxito. Aí negociou-se a presença deles nesse comício. E devo dizer mais ainda. No comício foram feitas muitas explorações, e entre estas a de cartazes como “abaixo os gorilas” e “força para Lacerda”. Tudo isso foi obra da reação, da quinta coluna, dos elementos infiltrados, que agiram desta forma para que ficasse caracterizada uma manifestação radical, quando na realidade toda a orientação adotada era esta: prestação de contas e anúncio das reformas. Bastando dizer que imprimimos um livretinho intitulado *As reformas de base do governo João Goulart*, que foi distribuído amplamente nesse comício. Lembro-me também de um outro detalhe. Alguns elementos tentaram dizer que aquilo era um comício para o lançamento da candidatura de Jango à reeleição, e chegaram a colocar dentro da área onde se realizava o comício flâmulas pela reeleição de Jango, que nós retiramos. E mais: retiramos cerca de centro e poucas faixas através do comandante da Polícia do Exército (agora esqueço o nome dele). Há ainda um detalhe. Nós tínhamos fotografias, tínhamos filmes da Central momentos antes da realização do comício, e você não encontrava uma faixa de provocação, ou seja, aquelas faixas de “abaixo o gorila”, “força para Lacerda”, isto e aquilo. Com a chegada do grupo da Petrobrás, que trazia archotes acesos, alguns elementos se infiltraram e se puseram em fila para serem filmados e fotografados. Aí então apareceram essas faixas e, naquela altura, dada a massa compacta que havia, você já não podia mais retirá-las.

Devo dizer que essas declarações que estou fazendo aqui eu as fiz nos inúmeros IPMs que respondi, nas diversas prisões a que fui submetido, inclusive dizendo exatamente isto que estou dizendo. Isto foi obra dos elementos infiltrados e não dos promotores e nem dos manifestantes. Eram elementos que queriam exatamente tumultuar e dar um outro sentido àquela manifestação popular que foi presidida pelo presidente da República.

C.G. - Como é que se fez a organização desse comício?

J.T. - Em primeiro lugar, houve um trabalho de divulgação.

C.G. - Através das cúpulas sindicais?

J.T. - Através das organizações, não das cúpulas; das organizações sindicais, especialmente.

C.G. - Das organizações mais ligadas ao Jango.

J.T. - Ligadas especialmente ao Jango, porque, até às vésperas do comício, o Brizola, o Arrais, esses elementos de esquerda não prestigiaram o ato da Central do Brasil, pelo contrário. O trabalho de mobilização foi feito junto às fábricas, às empresas, ao cais do porto. O cais do porto é uma concentração de trabalho onde circulam 50, 60 ou 70 mil pessoas. Então, foi feito um trabalho neste sentido. Agora, a nossa dificuldade era que não dispúnhamos de transportes. Inclusive diziam: “Foi até oferecido transporte”. Mas o governo do estado que era controlado pelo Lacerda, proibiu que as empresas de ônibus fornecessem viaturas para o transporte de massa. Quem veio, veio por vontade própria, por meios próprios. Inclusive nas barreiras do estado do Rio para o Rio de Janeiro foram parados os ônibus especiais, que não puderam vir. Então, veio muita gente de Niterói, do cais do porto, dos sindicatos, de maneira geral, que se mobilizaram nesse sentido. Tivemos ali naquela noite cerca de 200 mil pessoas. Foi um comício onde não houve problemas de qualquer espécie, a não ser essas faixas de provocação e um incêndio proposital no meio do povo, que fez com que algumas pessoas saíssem queimadas. Nada mais houve.

Diz-se também que os ministros militares do Jango estariam presentes, o que, não é verdade. Eles ficaram no gabinete do ministro do Exército assistindo de lá. No final é que foram ao palanque para cumprimentar o Jango. Mas, na realidade, o controle do palanque foi entregue exclusivamente aos trabalhadores. Há ainda informações de que, durante a tarde, tinham posto uma bomba debaixo do palanque. Além disso, havia rumores de que o Jango poderia ser assassinado, que alguém poderia estar no prédio da

Central do Brasil, de onde o alvejaria. Enfim, uma série de situações bastantes difíceis para nós.

C.G. - Mas a realização do comício foi um dos fatos que vieram, de uma certa forma, a radicalizar um pouco a situação de instabilidade do governo Jango.

J.T. - Não, eu não coloco assim. Ele foi explorado. A concentração foi explorada pelas forças que já vinham conspirando contra o Jango. Eles precisavam de um pretexto, e o pretexto foi o comício. Devo dizer inclusive que todos os discursos pronunciados, afora o do Brizola, foram condensados e previamente estabelecidos. Então, se se pegar os pronunciamentos feitos, vai-se verificar que foram os mais moderados, os mais equilibrados e os mais isentos. Evidentemente, ao Brizola nós não criamos objeções para que ele falasse livremente, como bem entendesse. Mas essa história de dizer que o comício foi ... O comício foi um pretexto. Desde o início do governo do Jango vinha-se conspirando, e as declarações dos militares estão aí para comprovar isso. O comício serviu, talvez, para assustar. O êxito do comparecimento e a correspondência que as bases populares deram talvez tenham amedrontado ou tenham apavorado o poder econômico e as multinacionais, que verificaram que, a prosseguir o governo com o apoio popular que ia obtendo, eles seriam esmagados muito mais rapidamente do que se julgava. Este é o sentido que dou.

C.G. - Quer dizer então que, a despeito dessa informação, a despeito de todas as informações que Jango já estava tendo de que a conspiração estava-se fazendo, tanto internamente como até apoiada pelos Estados Unidos e tal, o Jango não teve outro remédio senão persistir no caminho de...

J.T. - Não, nessa altura o Jango não podia... Como o Jango iria, vamos dizer assim, declinar do apoio popular? Se ele já não tinha o apoio do poder econômico, não tinha o apoio de forças políticas do PSD, da UDN, do PSP, do PR e de outros partidos, como poderia declinar dessa apoio popular? Ele teria que marchar cada vez mais ao encontro desse apoio popular.

C.G. - A partir de 13 de março até o dia 31, como é que você vê todo o comportamento do Jango mediante essas pressões que estavam surgindo aí?

J.T. - Evidentemente, tudo isso surpreendeu a todos. Nós jamais admitiríamos que o Exército viesse... Sabíamos que havia oficiais do Exército conspirando, mas não supúnhamos que a instituição, que sempre se bateu pela legalidade, viesse a dar um passo no sentido de derrubar um governo legal. Nós tínhamos informações. Houve ainda o problema da enfermidade do Jair Dantas Ribeiro, e os elementos que o cercavam impediram que o Jango designasse um ministro interino. O Ministério do Exército ficou praticamente acéfalo. O ministro no Hospital dos Servidores do Estado, o seu chefe de gabinete - o general Bontempo - praticamente respondendo pela parte burocrática e pelos expedientes mais corriqueiros que haviam, e eles usando o general Castelo Branco, que era então chefe do Estado Maior, para começar a fazer a articulação.

Por outro lado, o general Peri Beviláqua deu uma contribuição muito ruim para o esvaziamento do Jango no meio militar. Ele fez um documento em que criticava o Jango pelo apoio que dava ao CGT, às organizações operárias, e falava no problema de hierarquia. Este documento foi muito difundido entre os comandos, evidenciando a conspiração aberta. O Jango estava certo de que, aqui no Rio de Janeiro, por exemplo, ele tinha três unidades do Exército, chamadas grandes unidades, que estavam subordinadas à Presidência da República. Eram o Batalhão de Guardas, o...

[FINAL DA FITA 9-A]

J.T. - Essas três unidades seriam suficientes para garantir, mas, na realidade, o que se constatou foi a ineficiência do seu chefe da Casa Militar. Havia o problema de o Ministério do Exército estar acéfalo, o fato de Castelo Branco ter assumido a chefia da conspiração... O general Moraes Âncora, que era o comandante do I Exército, em vez de reagir - ele era amigo do Castelo Branco e dos outros que estavam conspirando - acomodou-se. O Krueel, um homem que o Jango esperava que fosse fiel e se mantivesse ao seu lado, claudicou do dia 31 para o dia primeiro. É certo que se ele não tivesse procedido como procedeu também poderia ter sido derrubado, mas a verdade é que ele também foi um fator que contribuiu muito para que o Exército viesse tomar a posição que tomou. Todas as providências que poderiam ter sido tomadas no meio militar não o foram. Eu até ia pedir a você, Cristina, o seguinte: o melhor seria eu estabelecer um organograma, em que enumerasse todos os detalhes, inclusive reuniões, a crise em que

houve com o ministro da Marinha, o problema do encontro do Jango com os quatro
generais... Enfim, uma série de coisas que assim rememorando me escapam.

[FINAL DO DEPOIMENTO]